Revista Illustrada de Portugal e do Extrangeiro

Preços da assignatura	Anno 36 n.os	Semest. 18 n.os	Trim. 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)...	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

12.º ANNO — VOLUME XII — N.º 381

21 DE JULHO DE 1889

REDACÇÃO—ATELIER DE GRAVURA—ADMINISTRAÇÃO

Lisboa L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do Occidente, sem o que não serão attendidos.

CHRONICA OCCIDENTAL

Hoje sim, hoje a *Chronica* tem com que se entreter á larga, como nos bons mezes de inverno, tem uma peça nova, uma peça de grande espectaculo na Trindade, e o que mais é, uma peça que está fazendo carreira e chamando concorrencia a esse theatro, que como já dissemos está sendo explorado pelos artistas em sociedade.

E essa peça é nem mais nem menos do que uma magica, um genero em que se podem fazer maravilhas, desde o momento em que o librettista tenha imaginação, o machinista invenção, os actores graça, as mulheres belleza, o scenographo talento, e a empreza dinheiro, mas que mesmo sem essas maravilhas tem o condão de agradar sempre ao publico de Lisboa.

Porquê?

Não sei, mas o que sei é que a magica mais idiota, posta em scena pobremente, pelintramente, chama gente ao theatro, dá dinheiro ás emprezas, e o publico embora diga mal da peça vae lá sempre.

Que me lembre, do meu tempo, só a uma magica não aconteceu isto: ao *Espelho da Verdade*, de Eduardo Garrido e Manuel Roussado.

Essa cahiu redondamente na primeira noite e nunca mais se levantou, porque um *Espelho da Verdade* que annos depois se deu no Porto e em seguida se representou em Lisboa, no velho theatro da Rua dos Condes, era já outra peça, firmada por outros auctores.

E o *Espelho da Verdade* do Garrido e Manuel Roussado cahiu, não por ser peior que muitas outras magicas que antes e depois d'ella tiveram *successo*, cahiu pelos nomes dos seus auctores. Eduardo Garrido acabava de alcançar um exito colossal com a *Pera de Satanaz*: e é sabido que em theatro atraz d'um grande successo vem sempre um *fiasco*, manso ou ruidoso, mas sempre um *fiasco*.

Os exemplos pullulam: Pinheiro Chagas depois do triumpho enorme da *Morgadinha de Valflor*, apresentou a *Judia*, e apesar da *Judia* ser uma excellente peça, foi-se pelo buraco do ponto; Antonio Ennes depois do enorme successo dos *Lazaristas*, teve uma queda mansa com a sua segunda peça *Eugenia Milton;* Lopez de Mendonça paga na *Estatua* o extraordinario exito do *Duque de Vizeu:* e em theatro é sempre assim.

Além d'isto para a queda do *Espelho da Verdade* havia ainda mais uma razão afóra do successo da *Pera de Satanaz*: a collaboração de Eduardo Garrido com Manuel Roussado.

Manuel Roussado estava então no seu momento de celebridade: os seus folhetins espirituosos do *Diario Popular* faziam successo em Lisboa e punham o illustre humorista muito em evidencia.

A noticia d'uma peça feita pelo auctor da famosa *Familia dos Possidonios* e pelo auctor da desoppillante *Pera de Satanaz*, produziu sensação em Lisboa, e uma grande espectativa anciosa.

Toda a gente esperava uma maravilha d'essa collaboração. Na primeira noite da peça as Variedades tiveram uma enchente extraordinaria: a peça não correspondeu ao que o publico esperava e d'ahi a sua desastrosa queda.

E é a unica queda de magica de que tenho memoria.

Depois d'ella as Variedades, a Rua dos Condes, a Trindade, o Principe Real e até o proprio Gymnasio, puzeram em scena muitas magicas, algumas positivamente insignificantes, deploraveis, e nenhuma d'ellas cahiu.

O motivo porque ellas não cahiam, não sei, como tambem não sei, dada a felicidade extranha d'esse genero, o motivo porque ha muitos annos todas as emprezas o abandonaram lançando-se exclusivamente nos outros generos theatraes para que o publico não tem a mesma inexplicavel indulgencia.

O argumento da falta de magicas boas não explica coisa alguma, porque está provadissimo que não é nada preciso uma magica ser boa para agradar.

E o successo do *Gato Preto* no theatro da Trindade ahi o está a provar agora.

O *Gato Preto* está longe de ser uma boa magica: o seu enredo é *calcado* sobre os enredos velhos e estafados das magicas antigas: dos seus personagens não ha um sequer que tenha novidade ou origina-

O CASTELLO DE EVORA-MONTE

(Segundo um dezenho do sr. Abel Accacio)

lidade: no seu dialogo o espirito não fez grande despeza, tem alguns ditos engraçados, mas a graça geralmente é grossa, graça de Carnaval nas ruas, apimentada com temperos fortes para paladares estragados: emquanto á parte perfeitamente phantastica, não tem um unico *truc* novo, uma unica machina que não tenha sido vista e revista, e apesar d'isso o *Gato Preto*, agradou muito e está tendo uma concorrencia enorme para a época de verão que estamos atravessando.

E' verdade que se a magica da Trindade tem todos estes contras, tem tambem alguns prós que explicam e justificam o seu exito.

Primeiro o ser posta em scena por uma sociedade d'artistas, e d artistas bons e queridos do publico, que cheios de boa vontade procuram pelo seu trabalho ganhar a vida n'estes tres mezes, em que as emprezas de inverno fecham os seus theatros.

O publico sympathisa em geral com estas tentativas honradas e laboriosas d'artistas que se agrupam para com o trabalho commum fazerem face aos prejuizos que lhes trazem as ferias forçadas de verão: n'essas sociedades ha uma grande confiança nas proprias forças e ao mesmo tempo uma grande confiança no auxilio do publico, e o publico gosta de justificar essa confiança e d'ahi uma benevolencia muito maior para os espectaculos organisados de pé para a mão por essas sociedades artisticas de tres mezes, do que para os espectaculos que durante as épocas regulares lhe apresentam as emprezas por assim dizer officiaes.

Depois os artistas constituidos em sociedade não tem os melindres artisticos, que muitas vezes como escripturados, os fazem recusar papeis pequenos que elles julgam inferiores á sua cathegoria ou os faz acceital-os de má vontade.

N'uma sociedade não ha primeiros nem ultimos: são todos socios, trabalham todos para o mesmo fim, dão todos o melhor que tem; d'ahi as peças representadas por estas sociedades artisticas de verão, terem um conjuncto magnifico que raras vezes se encontra no theatro.

Mesmo os papeis mais pequenos são executados por artistas a valer, que lhes dão um grande relevo o que contribue extraordinariamente para o successo da peça.

No *Gato Preto* dá-se este caso: todos os papeis mesmo os *bouts de rôle* teem um desempenho excellente, porque são representados por artistas de merito e não são entregues a discipulos ou a artistas muito secundarios que os deixam na sombra quando não os põem em evidencia por um mau desempenho.

Toda a companhia da Trindade entra na magica e raras magicas teem tido a felicidade de ser representadas por tantos e tão applaudidos artistas comicos como Joaquim Silva, Leoni, Augusto, Queiroz, Diniz, Setta, Ribeiro, Cardozo, Bensaude, Portugal e Salles, por uma caracteristica como é Amelia Barros, que n'esta peça tem uma das suas mais brilhantes corôas, e por duas artistas de opera comica tão gentis como a Fantony e a Isaura, e por uma cantora como a sr.ª Blanche, que *debutou* n'esta magica, que veio da companhia de S. Carlos e que o defeito que tem é cantar bem de mais, trazer para uma magica todo o tom emphatico e antigo da opera italiana.

Este desempenho notavel que em todos os papeis tem a magica foi o principal elemento do seu successo, juntando-se ao desempenho a correcção com que corre todo o machinismo, e a belleza das vistas novas pintadas pelo sr. Reis, e a saudade que o publico de Lisboa tinha de vêr magicas que é um dos seus generos theatraes predilectos.

A sociedade artistica da Trindade gastou bastante dinheiro com a magica: foi uma cartada arriscada; ganhou a partida. Felicitamol-a sinceramente por isso.

Eu não conheço nada mais ridiculo do que a desconfiança saloia que certos sabios indigenas teem por todas as descobertas e innovações scientificas que se fazem lá fóra.

A proposito da descoberta notabilissima de Brown-Sequard, de que demos ha semanas ampla e minuciosa noticia, essa desconfiança deitou logo as orelhas de fóra, e não faltou quem se risse d'essa *blague*, e da ingenuidade com que nós e outros jornaes de Lisboa tinhamos tomado a serio essa famosa patranha.

Houve mesmo alguns d'esses desconfiados que chegaram a protestar em lettra redonda, em nome da esperteza lisboeta, contra a facilidade com que alguns jornalistas ingenuos tinham tomado a sério essa *blague* do rejuvenescimento, pelo methodo do Brown Sequard, *blague*, diziam elles n'um tom doutoral cheio de profundo desdem pela falta de sciencia e de bom senso d'esses jornalistas, que demais a mais era bem transparente em todos os seus promenores.

E de facto era assim. Nós que fomos dos jornalistas ingenuos que tomámos a serio a noticia da descoberta do presidente da sociedade de Biologia de França, damos hoje as mãos á palmatoria: a *blague* era tão transparente que como já é sabido os medicos portuguezes muito distinctos vão ensaial-a no hospital de S. José; a *blague* era tão transparente que revolucionou todo o mundo scientifico, e que está hoje sendo estudada curiosamente o com resultados notaveis pelas sumidades medicas da França.

O dr. Variot, medico dos hospitaes de Paris, tem feito varias experiencias com o preparado Brown Sequard e o resultado tem sido o seguinte:

Variot escolheu na sua clinica tres doentes, um de 54 annos, outro de 56, outro de 68, que por causas diversas estavam extremamente debilitados e injectou em todos elles o liquido preparado pela formula do celebre biologista.

Logo no dia immediato ao da 1.ª injecção—que foi applicada na dose de 2 seringas de Pravaz—os tres doentes declararam sentir um bem estar que lhes era de ha muito desconhecido, e ao mesmo tempo o dr. Variot auscultando-os notou sensivel melhora nas differentes perturbações organicas de que elles padeciam.

O dr. Variot continuou as injecções de 48 em 48 horas e no fim de 6 injecções, em cada um, constatou umas melhoras extraordinarias e esses doentes que até então mal se podiam mecher, estavam tristes, anemicos, abatidos, estão hoje alegres, animados, como que remoçados, comendo excellentemente e recuperando dia a dia a força muscular.

Entretanto o dr. Variot, com todo o escrupulo d'um homem de sciencia em se pronunciar definitivamente sobre os effeitos therapeuticos da injecção Brown Sequard não affirma ainda que essas melhoras notaveis alcançadas nos seus tres enfermos, logo em seguida ás injecções, sejam a ellas devidas.

— Pode ser, diz o illustre medico, que essas melhoras sejam devidas á suggestão.

Antes de começar o tratamento, o dr. Variot preveniu os seus doente que lhes ia injectar um licor fortificante e pode ser que por uma especie d'auto-suggestão, bastasse a influencia no organismo da idéa de que iam readquirir forças, para que readquirissem essas forças realmente.

E para se tirar de duvidas, para adquirir a certeza, o dr. começou agora umas experiencias cujo resultado definitivo não sabemos ainda, mas que são curiosas. Procurou mais dois doentes nas condições pathologicas dos tres primeiros e a um d'elles está-lhe applicando as injecções de Brown Sequard na mesma dose, mas dizendo lhe que é um liquido muito simples para lhe abrandar umas dores rheumaticas, e ao outro está-lhe applicando injecções d'agua commum dizendo-lhe que é um licor fortificante que lhe hade restituir as forças perdidas.

E' claro que se o primeiro não sentir o rejuvenescimento e o segundo recuperar as forças, os effeitos do licor Brown podem ser unicamente sugestivos; se se der o caso contrario está provado que esses effeitos são devidos á acção therapeutica do medicamento.

Ignoramos ainda os resultados d'esta dupla experiencia; logo que os saibamos daremos d'elles conta aos nossos leitores.

Depois de escripta esta chronica chegou a Lisboa uma noticia que causou profunda sensação: a noticia d'um attentado contra a vida de Sua Magestade o Imperador do Brazil.

Felizmente o illustre monarcha sahiu incolume d'esse attentado monstruoso e estupido, sobre o qual paira ainda um mysterio que até agora a Agencia Havas não se deu o trabalho de desvendar. Vão já quatro dias passados sobre a noticia do attentado e por emquanto ainda se não sabem em Lisboa, nem official nem particularmnte, promenores. É realmente pasmoso! Ignora-se qual foi o movel do crime e logicamente toda a gente o attribue a loucura.

Mas o que se sabe é que o criminoso é um portuguez e este promenor causou profunda e justissima indignação em todo o Portugal.

A imprensa de todo o paiz tem protestado energicamente contra esse cobarde attentado, e tem felicitado vivamente o augusto soberano do Brazil por ter escapado a elle.

Juntamos as nossas felicitações e os nossos protestos aos dos nossos collegas.

Outra noticia, e essa tristissima, desoladora que nos chega tambem agora no momento de revermos as provas d'esta chronica: está quasi agonisante o grande actor Antonio Pedro.

Os seus padecimentos terriveis que ha tantos annos o torturam, aggravaram se consideravelmente: as suffocações de que elle soffre repetem-se agora com uma brutal frequencia, o idema tem subido, ao estado de excitação nervosa que n'estes ultimos tempos se lhe notava succedeu uma profunda prostração, um aniquilamento de forças de muito mau agouro, e que faz temer a cada momento um desenlace fatal.

Fazemos sinceros votos por que esses sinistros prenuncios se desvaneçam e o glorioso artista triumphe mais uma vez da morte, como já por mais vezes e quasi que milagrosamente tem triumphado.

Gervasio Lobato.

AS NOSSAS GRAVURAS

O CASTELLO DE EVORA-MONTE

E' um curioso exemplar, unico no genero, do estylo normando-gothico em Portugal.

Consta essencialmente de quatro faces, ligeiramente concavas, com os angulos bojados em torres circulares. Está muito damnificado. O implacavel tempo, e sobretudo um temivel terremoto, em fevereiro de 1531, teêm-n'o deploravelmente injuriado e demolido.

A sua construcção parece dever-se a D. Diniz, que cingiu tambem de muralhas a povoação, ao tempo deste rei quasi desabitada, por se vêr aberta e exposta ás correrias do inimigo.

Tinha D. Affonso I resgatado Evora-Monte das mãos dos arabes. Deu-lhe D. Affonso III, em 1248 o primeiro foral.

A construcção do castello, quasi toda em alvenaria, é notavel pela sua fórma macissa, em que ha reminiscencias do estylo romano, que tanto preponderou no Alemtejo; e pelas duas cortinas que o cingem, definindo os andares, com uma grande saliencia, e atando a meio das faces, como se póde vêr na gravura, em grossas laçarias.

Ha em Villa-Viçosa um bellissimo portal, talhado no mesmo genero, de que brevemente daremos tambem a gravura.

Tanto este, como o castello de Evora-Monte, filiam-se na mesma architectura a que pertence, por exemplo, a ermida de S. Braz, de Evora, e que ficou como recordação em pedra d'uma epocha de ferro, ingenua e sóbria, rudemente levada em luctas pela independencia e pela fé.

Evora-Monte pousa n'uma alterosa eminencia, d'onde se avista um dilatado e magestoso panorama: cearas, olivaes, pomares, hortas e montados. Sita no flanco da serra de Ossa, e dominando as estradas da fronteira sobre Evora e o caminho de ferro, é ainda hoje uma importante posição militar. Todavia, a sua difficil accesibilidade, a falta de agua e a aspereza do clima têem-na despovoado quasi inteiramente. Hoje é uma misera aldeia, ao longe de cujas ruas, por onde cresce á vontade a herva, apenas se divisam, raros vultos curvados de valetudinarios, sentados á sombra dos portaes.

A população tem emigrado quasi toda para uma aldeia do arrabalde, a Corredoura, que fica a meia encosta da montanha, n'um sitio fresco e aprazivel, e se vae convertendo rapidamente n'uma bella e bem abastecida povoação.

Foi em Evora-Monte que D. Miguel assignou, a 27 de maio de 1834, a celebre *convenção* pela qual se obrigou, perante a Inglaterra, a Hespanha e a França, a fazer depôr as armas ao seu exercito.

UMA VISTA DE LEIRIA

A paginas 123 e 125 publicamos uma vista do Castello de Leiria e respectivo artigo, em que se deu noticia da fundação d'esta formosa cidade da Extremadura, situada 130 kilometros ao norte de Lisboa, n'um fresco valle por onde corre o Liz e o Lena.

Referir-nos hemos, portanto, agora ao assumpto da nossa gravura de hoje, que representa o campo de D. Luiz I, em dia de mercado, o qual tem logar todas as terças feiras e domingos.

O desenho não póde ser mais interessante nem de melhor effeito, devido ao lapis do nosso antigo collaborador artistico o sr. João Ribeiro Christino da Silva, que escolheu um dia de mercado para desenhar o Campo de D. de Luiz I com toda a animação e pittoresco que elle apresenta n'essa occasião.

A vista é tirada do Rocio, no local chamado Marachão do Liz.

A' esquerda da gravura vê-se um jardim, que é obra moderna, feita pela camara municipal e em que tomou a iniciativa o digno presidente do municipio, sr. Pereira da Silva.

Este jardim, além de ser hoje um embellezamento da cidade, é um grande melhoramento sanitario, porque foi deliniado sobre o aterro que a mesma camara mandou fazer n'uns terrenos pantanosos que existiam nas margens do Liz, transformando assim um foco prejudicial para a saude publica, em um passeio ajardinado para logradoiro publico.

Este e outros melhoramentos que se teem feito na cidade, junto ao grande melhoramento do caminho de ferro que hoje a serve, estão promovendo o engrandecimento de Leiria, berço tradiccional da imprensa do nosso paiz.

LOURENÇO MARQUES

Em 24 e julho de 1875 foi decidido por sentença arbitral do presidente da Republica Franceza, general Mac-Mahon, o direito de Portugal á posse de todo o territorio da Bahia de Lourenço Marques, descoberta pelo portuguez d'este nome em 1544 na costa oriental da Africa.

Vae, pois em tres seculos e meio que esta bahia foi descoberta por um portuguez, e se desde logo não foi devidamente occupada pelos portuguezes, nem porisso os nossos direitos de prioridade de descoberta caducaram como foi reconhecido em presença dos documentos e razões valiosas apreciadas por Mac-Mahon, escolhido pela Inglaterra e por Portugal, para arbitro da questão levantada pela primeira d'estas nações, sobre os nossos direitos n'aquella parte da Africa Oriental.

Esta questão levantada em 1873 pela Inglaterra, não foi mais que a continuação de muitas outras que ella por varias vezes sustentou com Portugal sobre o nosso dominio de Lourenço Marques, e não só com a Inglaterra, mas com os hollandezes e com os astriacos, que em épocas anteriores ali se quizeram estabelecer.

Esta estranha cubiça de tantos áquella nossa possessão, só se explica, primeiro: pelo abandono em que por tres seculos os governos de Portugal deixaram a descoberta de Lourenço Marques; segundo: porque as condicções excepecionalmente favoraveis da bahia e terretorio de Lourenço Marques, como unico porto accesivel e abrigado entre Moçambique e o Cabo da Boa Esperança, o tornam naturalmente apeticivel para um grande centro de commercio africano facilmente ligavel ao Transwaal, onde os inglezes tem grande influencia e a que tem grandes interesses ligados

Desde 1875, porém, mudou completamente a politica do governo portuguez com respeito a esta possessão e, mau grado da nossa *fiel alliada*, Lourenço Marques tem progredido consideravelmente, sob a protecção do governo da metropole, que em 1877 para ali enviou uma bem organisada expedição de obras publicas, com engenheiros, operarios e material, para proceder ás primeiras construcções de edificios publicos necessarios para o estabelecimento regular do nosso dominio e auctoridade, que garantisse o pregressivo desenvolvimento do commercio, da agricultura, da riqueza, emfim, d'aquella tão cubiçada possessão portugueza.

As obras principaes que se fizeram foi uma egreja de elegante architectura e vasta, edificio para imprensa do governo, reedificação da fortaleza que hoje está regularmente guarnecida, reedificações no palacio do governo, cadeia civil, deliniamento de grandes avenidas, onde se estão construindo habitações, fazendo a camara municipal por sua conta varios embellezamentos na cidade e illuminando-a regularmente.

Mais de cem operarios europeus cuadjuvados por 300 trabalhadores indigenas tem levado a cabo as construcções que deixamos mencionadas, sendo uma das ultimas a construcção do poiol da polvora, edificação militar, em estylo manuelino, diliniada e dirigida pelo engenheiro sr. J. J. Lapa.

Se até 1875 podiamos ser accusados do abandono em que o governo portuguez deixava Lourenço Marques, hoje não acontece o mesmo, e porisso o ciume da nossa *fiel alliada*, mal se reprime, procurando por todos os modos tolher o progresso d'esta possessão, que receia lhe venha a prejudicar os seus interesses no Transwal, desviando-se a corrente de commercio dos portos inglezes do Natal ou de Durban, para Lourenço Marques, que lhes fica muito mais proximo e em melhores condicções.

Estes receio são tanto mais fundados quanto é certo que a republica do Transwaal está nas melhores relações com o nosso paiz e nas peiores disposições para com a Inglaterra, cujo jugo ainda não ha muito sacudio.

Essas boas disposições dos boers a nosso respeito, fizeram entrar o governo portuguez em negociações com a republica do Transwaal sobre a construcção de um caminho de ferro entre Lourenço Marques e Pretoria, capital d'aquella republica, negociações que se entabolaram em 1876, procedendo-se desde logo aos estudos da linha que mostraram a facilidade d'esta construcção.

Esta justa aspiração do governo portuguez principiou logo a ser contrariada pela *nossa fiel alliada*, e a annexação do Transwaal a Inglaterra destruiu as nossas aspirações, impossibilitando tal emprehendimento.

Dividiram-se os partidos no Transwaal com a annexação, e a guerra surgiu com heroico vigor do partido patriota, o qual conseguiu a independencia da republica.

Em 1883 principiaram novas negociações para o estabelecimento do caminho de ferro portuguez, e o governo deu a concessão da linha ao americano Mac-Murdo, o qual depois a passou a uma companhia portugueza, que se formou com grande parte de capitaes inglezes.

Esta companhia, que principiou os trabalhos em julho de 1887, inaugurou em 14 de dezembro do mesmo anno parte da linha, provisoriamente, depois do governo portuguez a ter auxiliado, adiantando-lhe quantias importantes, para que a obra proseguisse, o que não bastou, sendo ainda preciso prorogar o praso da conclusão da linha por tres vezes, sem que o caminho de ferro se concluisse.

Foi n'estas circumstancias, que o governo portuguez, por decreto de 26 de junho do corrente anno, rescendio a concessão do caminho de ferro á companhia portugueza, e é dentro d'este legitimo direito que se levanta por parte da Inglaterra a desgraçada questão que estamos presenciando e que está produzindo um enorme escandalo na politica da Europa.

Vê-se claramente n'esta questão a Inglaterra procurar todos os pretextos que possam impedir ou atrasar o caminho de ferro de Lourenço Marques e para que ella não consiga o seu fim, é preciso toda a energia e cuidado no modo de conduzir a solução d'este negocio para que o caminho de ferro se conclua em termos independentes de influencias inglezas, que tão perniciosas nos tem sido n'esta e em outras questões.

Devemos ainda duas palavras a respeito das gravuras que illustram este artigo e que representa uma d'ellas as florescentes plantações de Lourenço Marques, e outra a explendida bahia, porto de mar magnifico como não se encontra em toda a costa oriental da Africa.

A terceira gravura representa o paiol da polvora a que já nos referimos acima.

Brevemente publicaremos uma vista geral de Lourenço Marques por onde se póde avaliar a grandeza da cidade e sua bahia.

OS PORTUGUEZES NA REGIÃO DO NHASSA

POR

J. BATALHA REIS

DA SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA DE LISBOA, ETC.

(Continuado do n.º 380)

E' assim que os Portuguezes, desde o principio do seculo XVII, conheciam a importancia do Chire, como um caminho para o centro e N. da Africa. Pús muito cuidado em citar, não só o texto dos documentos, mas tambem os titulos das obras em que se acham, com o anno, o volume e as paginas da edição de que me servi. Do que foi traduzido, pode concluir-se principalmente que, do XVI para o XVII seculo:

1.º — Os Portugueses conheceram um lago ao N. de Tete e Sena, que se extende para o S. e para o N. do parallelo de 12º S.

2.º — Este lago era tão extenso, que se não conhecia o seu limite septentrional.

3.º — A largura do lago, calculada por alguns em quatro ou cinco leguas, e por outros em quinze leguas, é tal que, em certos pontos, uma das margens não se avista da outra.

4.º — Do extremo sul d'este lago sai um rio, chamado Cherim ou Chire, que desagua no Cuama (Zambeze) abaixo de Sena.

5.º O rio tem grandes rochedos em um ponto do seu curso, que impossibilitam alli a navegação.

6.º — Pelo rio, os Portugueses subiram até o grande lago, antes dos meados do seculo XVII.

7.º — D'este lago e rio havia na mesma epocha um mappa feito pelos Portugueses.

8.º — Desde o seculo XVI as terras de Tete ao Maravi pertenciam a chefes que eram vassallos de Portugal.

9.º — No começo do seculo XVII os Portuguezes faziam muito commercio com o Maravi.

10.º — Aquellas terras eram bem conhecidas e visitadas pelos Portugueses.

11.º — O rio chamado Chire e o lago denominado «do Maravi» foram estudados e indicados, pelos Portugueses do seculo XVII, como sendo o melhor caminho para o centro da Africa.

Foi muito tempo depois d'isso, que Livingstone, tendo visitado o Chire em janeiro de 1859, e o lago Nhassa em setembro do mesmo anno, escreve: «Ao descermos (o baixo Chire) passámos um curso de agua profundo, de cerca de trinta jardas de largura, que provém *de um corpo de agua aberta*. . [7] A propria lagoa chama-se Nyanja Pangon (lago pequeno), em quanto ao paul do elephante (*elephant march*) dão o nome de Nyanja Mukulo (lago grande)... Ninguem acredita que o conhecimento geographico dos Portugueses tenha alguma vez ido alem d'estes Nyanjas Grande e Pequeno... [8] As cataractas do Chire são desconhecidas... [9] um vago rumor, citado por algum velho auctor, ácerca de dois paues abaixo das cataractas de Murchison, é considerado testemunho concludente,» etc. [10]

Assim, as minuciosas descripções de muitos auctores, que eu acabei de citar, são, no parecer de Livingstone, «um vago rumor citado por algum auctor sediço» ! O lago que se extende para o sul e para o norte do duodecimo paralello, lago pelo qual se propunha chegar ao centro da Africa, Abissinia e Angola, eram para Livingstone *dois pantanos abaixo das cataractas de Murchison* ! [11] Estas cataractas do Chire, descriptas desde 1624 por Luiz Mariano, eram, na opinião de Livingstone, *ignoradas* pelos Portuguezes ! Parece-me inutil insistir na comparação dos trechos dos auctores portugueses com os de Livingstone que eu cuidadosamente indiquei. Livingstone diz bem: «*Ninguem acreditaria*» terem os Portugueses julgado que os pantanos do Chire eram o lago Nhassa. E' pena que o proprio Livingstone o tivesse acreditado. Ninguem admira David Livingstone mais do que eu; mas toda a minha profunda admiração pelo grande explorador escocês não basta para me fazer negar, ou deixar de entender, o que estava escripto mais de dois seculos antes de Livingstone, e que desde esse tempo era conhecido.

Sir Richard Burton, o grande viajante e philologo inglês, escreve o seguinte: «Com a maior admiração pela inteireza do dr. Livingstone, sou forçado a reconhecer que elle foi injustissimo com essa pequena mas heroica nação que descobriu á Europa o novo caminho para o Oriente. Effectivamente, a só menção das explorações portuguesas parece fazer n'elle o effeito de uma capa encarnada. [12]»

E o reverendo Brucker, um esclarecido geographo francês, tractando do mesmo assumpto, de que me occupo n'este estudo, escreve: «O Chire era conhecido e navegado pelos Portugueses no seculo XVII, apesar de tudo quanto disse Livingstone.....o qual muitas vezes negou o que ignorava. [13]

Pergunto aos leitores imparciaes da *Scottish Geographical Magazine*, que não conheciam as descripções do lago Nhassa e do Chire, traduzidas por mim do português, se depois de as lerem podem acceitar as palavras de Livingstone, ou as do professor H. Drummond, o qual diz que o lago Nhassa era *completamente desconhecido* (o italico é meu) antes de Livingstone o haver descoberto, [14] ou as do reverendo H. Waller, que affirma ser o tenente Cardoso (1886)» o primeiro Português que chegou ao lago Nhassa, [15] ou as

---

[7] *Body of open water*, diz o inglês. Que barbaro este escocês! — Ou... *barbarus hic ego sum quia non intelligor ulli*. O Geta, aqui, é elle, sem nós sermos Ovidio.

[8] Presumpção e agua benta...

[9] Pois não. Estavamos desde o seculo XVII á espera deste descobridor de descobrimentos alheios.

[10] David e Carlos Livingstone, *Narrative of an expedition to the Zambesi*, 1858-1864, pag. 90. 91 111 — E collaboraram dois Livingstones em tamanha serie de inexactidões e tolices.

[11] Todos os italicos são meus.

[12] Não somos nós, é um compatriota de Livingstone que o compara a um dos nossos armados valentes do Ribatejo.

NOTA DO TRADUCTOR.

[13] *Décuvertes des grands lacs de l'Afrique centrale* 1878, pag. 18.

[14] *Tropical Africa*, 1888, pag 8.

[15] *On some African entanglements*, pag. 8

de Mr. Silva White, que escreveu ter «a expedição de Livingstone descoberto (1859) o caminho do Chire e o lago Nhassa,» [16] para não citar mais geographos inglezes e escocezes que até o presente, talvez com excellentes sentimentos de patriotismo, teem ensinado aos habitantes da Grã Bretanha uma historia e uma geographia que eu já tomei a liberdade de classificar de *imaginarias*.

Está assim provado, julgo eu, ácerca do lago Nhassa e do rio Chire, que a prioridade do descobrimento e do conhecimento intimo d'estas vias aquaticas, bem como da sua importancia na Africa, pertencem aos Portuguezes.

III. Vejamos agora quem primeiro descobriu e frequentou as outras regiões que, pelo facto de rodearem o grande lago, podem chamar-se «terras do Nhassa.»

Já vimos que o Chire e as suas margens eram frequentadas pelos Portuguezes desde o seculo xvi; mas, no seculo actual, muitos Portuguezes conheceram a existencia do lago Nhassa, e a sua ligação com o Chire muito antes de Livingstone, por terem alli chegado pelo curso do rio, mais ou menos, e por terem feito a viagem do Zambeze aos territorios que abeiram o lago.

Ignacio de Menezes, pae de um homem actualmente muito conhecido no Zambeze pelo nome de Ignacinho, realizou essa empresa. [17]

Em 1824, João de Jesus Maria, do prazo Marral, [18] acompanhado por Caetano Xavier Velasques, filho de Pedro Xavier Velasques, que acompanhou o dr. Lacerda ao Cazembe em 1798, [19] foi de Quelimane ao Chire, e d'alli ao Nhassa, e até annexou, em nome do governo português, alguns dos territorios a leste d'aquelle rio, e entre elle e o lago Chirua. [20]

Esta jornada repetiu-se, para fins commerciaes, até 1846. [21] Em 1858, João de Jesus Maria estava enfermo ao tempo em que a expedição de Livingstone entrou no Zambeze. O dr. Kirk foi chamado para o tractar, e ouviu da sua propria bocca informações muito minuciosas ácerca do lago Nhassa. [22]

Romão de Jesus Maria, filho do supradicto, e explorador tambem de Marral, tem conservado, mais ou menos, desde a morte de seu pae, as relações abertas pelas viagens do mesmo. [23]

Em 1853, J. B. Abreu da Silva e seu irmão, Victoriano Romão J. da Silva, proprietarios em Quelimane, foram n'uma expedição mercantil em busca de marfim, através das serranias M'Nguro, entre o Chire e Quelimane, a Maganja, a oeste do Chire e a oeste e a sudoeste do Nhassa, ao valle de Aroangoa, e até as cercanias do lago Bemba. Roubados pelos naturaes e, defendendo-se d'elles, derrotaram-n'os, e, auctorizados pelo governo de Quelimane, subjugaram muitos chefes. Mais uma vez, antes de Livingstone, o Chire e os seus territorios foram visitados por J. A. Correia Pereira, do *prazo* Mahindo, e Miguel M. da Silva. [24]

Desde 1846, Candido da Costa Cardozo, um residente de Tete, negociou nas margens do Chire e nas terras do Nhassa. Em março de 1856, Cardoso descreveu o lago Nhassa e o rio Chire a Livingstone.

Nós já vimos atraz o que Livingstone escreveu em 1865 ácerca da ignorancia em que, dizia elle, os Portuguezes viviam a respeito do lago Nhassa. Aqui temos comtudo o que elle escrevia em 1856, estando em Tete:

«O sr. Candido visitou um lago 45 dias a N N O. de Tete, que é provavelmente o lago Maravi dos geographos, pois que em caminho para lá passam [25] por um povo d esse nome. Os habitantes da sua margem meridional são chamados Shira; os do norte Mujos; e ao lago chamam Nyanja ou Nyanje... Contou elle ter passado o Nyanje n'uma parte em que é estreito, e ter levado trinta e seis horas na travessia... Pode ter umas 60 ou 70 milhas de largura... Da extremidade meridional do lago saem dois rios... o Chire, que vae desaguar no Zambeze um pouco abaixo de Sena.» [26].

Em uma carta pouco conhecida, datada de Claremont (Mauricias) 26 de agosto de 1856, Livingstone escreve:

«Devo mencionar que o Dr. Beke, mostrando-me hoje um esboço do lago Nyanza pelo reverendo M. Ribmann, vejo que elle concorda muito approximadamente com o lago d'esse nome visitado por um cavalheiro de Tete (sr. Candido), que eu marquei, sob a sua auctoridade, n'um rascunho de mappa. Como temos agora informações ácerca d'esse lago vindas d'aquellas origens, deve haver pouca duvida sobre a sua existencia real.. Sou de parecer que o braço principal do Zambeze deriva d'alli... teria sido mais facil ir para lá que descer o Zambeze.» E foi em consequencia da descripção de Candido Cardoso, que Livingstone pôs o lago Nhanja ou Maravi entre 11.º e 13.º de Lat. S. e o Chire como sahindo do meio do lago [27]. E' curioso comparar o mappa referido da primeira jornada com os antigos mappas portuguezes e os de d'Anville (1727-1749), e com alguns mappas italianos do principio d este seculo (Placido Zurla, 1818).

Foi só oito annos depois do primeiro livro de Livingstone, que o grande lago primitivamente marcado em 11.º a 13.º de Lat. S., baixou a 17 1/2 Lat. S., e chegou ás proporções minimas dos *pantanos* da segunda jornada de Livingstone.

Foi alem d'isso, protegido pela influencia do português A. Henrique Ferrão, e acompanhado pelos seus servidores, que Livingstone visitou o Chire e os seus territorios. [28]

Continúa.

Jayme Batalha Reis.

UMA VISTA DE LEIRIA — O MERCADO NO CAMPO DE D. LUIZ I

(Desenho do natural por J. R. Christino)

[16] *Scottish Geographical Magazine*, vol. 4 pag. 301, 1888.

[17] J. J. Machado, *Moçambique*, p. 29

[18] Um *prazo*, em Moçambique, é uma porção de territorio concedido pelo Estado; uma concessão da Coroa.

[19] Capitão Burton, *The Lands of Cazembe*, pag. 8 e *passim*.

[20] *J. J. Machado, Moçambique*, pag. 29.

[21] J. J. Correia, *Notas do Ministerio do Ultramar*, Economista, Lisboa' setembro de 1888

[22] J. J. Machado, *Moçambique*, pag. 29.

[23] Affonso de Moraes Sarmento, *Communicações ao Ministerio do Ultramar*, 1888.

[24] J. A Correia Pereira, *Notas ao Ministerio do Ultramar*, Economista, setembro de 1888.

[25] *Sic.* Vê-se que a grammatica de Livingstone é digna da sua inteireza e outras prendas.

Nota do traductor.

[26] Dr. Livingstone, *Missionary Travels*, 1857, pag. 640

[27] V. mappa no fim de *Missionari Travels*, 1851.

[28] J. A Correia Pereira, *Notas ao ministerio do Ultramar. Economista, setembro de 1856.*

A QUESTÃO DO CAMINHO DE FERRO DE LOURENÇO MARQUES

UMA VISTA DE LOURENÇO MARQUES — PLANTAÇÕES

(Segundo photographia)

A BAHIA DE LOURENÇO MARQUES

(Segundo photographia)

GARIBALDI

(Continuado do n.º 380)

Duas vezes a libertação do Rio Grande ia custando a vida a Garibaldi.

A primeira quando commandando um brigue com a bandeira d'aquella nascente republica e combatendo contra duas balandras de Montevideu, foi ferido por uma bala no pescoço, junto da orelha esquerda, e tão profundamente que o projectil se foi alojar quasi ao pé do ouvido direito.

Estando vinte dias entre a vida e a morte chegou afinal a Gualleguay livre de perigo, porém ali o brigue é embargado pelo governador da provincia de Entre-Rios que não reconhecia a bandeira do Rio Grande, e Garibaldi é preso e posto a ferros no peior carcere da fortaleza.

Tentando a fuga, auxiliado por alguns amigos dedicados não só a elle mas á causa do Rio Grande, vagueia perdido nas montanhas durante dois dias ao cabo dos quaes o prendem de novo, para exercerem sobre elle a mais cruel das vinganças.

Foi esta a segunda vez que a sua vida correu risco.

Antes de ser enviado a Bajada o intrepido guerreiro foi ignobilmente suspenso pelas mãos durante duas horas, e com o fim de juntarem a humilhação ao soffrimento deram o espectaculo d'esta tortura á porta da prisão, para o sujeitarem aos chascos e aos risos escarnecedores dos curiosos e dos indifferentes que por acaso ali tivessem de passar.

Muito tempo depois ainda Garibaldi conservou os vestigios d'essa barbaridade que lhe inutilisara o movimento de um dos braços.

Apezar d'isso, diz Larouse, não era a maldizer os seus algozes que se dedicava Garibaldi. Só á Italia consagrava toda a sua alma, todos os seus intimos pensamentos.

*
* *

Não queremos fatigar a attenção dos que nos leêm fazendo n'este logar o resumo da guerra das duas republicas Argentina e Oriental, que seria por deficiente improprio de o submettermos ao juizo publico.

D'esta guerra que durou o periodo de treze annos 1835 a 1848, pennas mais auctorisadas se têem occupado, e certamente o leitor não ignora as peripecias sanguinolentas d'essa lucta grandiosa que teve por epilogo a independencia do Uruguay.

Occupar-nos hemos somente da parte em que Garibaldi foi chamado a figurar.

O dictador de Buenos-Ayres querendo a todo o transe absorver a republica Oriental na confederação Argentina, fazia aos seus contendores uma guerra de exterminio, e tendo por general em chefe Manuel Oribe, mandando hordas de verdadeiros chacaes, devastava as planicies do Uruguay, destruindo e roubando os rebanhos, incendiando as casas e degollando os naturaes, quasi até aos muros de Montevideu.

Esta cidade no momento em que Garibaldi ali chegou encontrava-se na mais desesperada das situações.

Exaltado Oribe pelas recentes victorias em que assignalava, o que elle chamava feitos de armas, e avançando na frente de um exercito numeroso estava no firme proposito de sitiar Montevideu que o obrigara a expatriar-se para collocar Rivera na presidencia da republica Oriental. A Montevideu não só faltava exercito mas faltavam tambem armes e munições de guerra.

Que sorte estaria pois reservada aos partidarios de Rivera se o poder caisse nas mãos do seu antagonista?

Assim pois era inevitavel defender a todo o custo a patria ameaçada e repellir a invasão do filho desnaturado que voltara contra sua mãe as armas que ella lhe ensinara a manejar.

Quando os povos se encontram na presença de tão dura necessidade a sua actividade redobra com a approximação do perigo.

Das forças verdadeiramente prodigiosas nascem resultados ainda mais prodigiosos, e não ha nação que á primeira vista pareça covarde, envilecida e morta que não desperte n'um momento dado, de uma maneira terrivel, e não seja capaz dos maiores e mais arrojados feitos quando o inimigo bate ás suas portas para lhe offerecer o despotismo e a escravidão.

O general Paz, chamado ao mando supremo das forças da republica Oriental, reorganisa em poucos dias um exercito que promette resistir vantajosamente ao inimigo.

Montevideu encontra-se, como por encanto, defendida por solidas fortificações, procede-se á edificação e organisação de arsenaes e fabricas e muito antes que Manuel Oribe estivesse apto para offerecer batalha, os artigos indispensaveis á defesa abundavam em Montevideu.

Sendo indispensavel impedir a entrada ao inimigo por mar e guardar a entrada da Bahia que lhe dava franco accesso pelo Rio da Prata, Garibaldi é convidado a dirigir esta defesa para o que são postas ás suas ordens as corvetas *Porcida e Constituição* e o bergantim *Terceira*.

Muitos europeus residentes em Montevideu auxiliam os patriotas com o fim de defenderem as suas vidas e os seus bens.

O coronel Thibault organisa uma legião franceza composta de 2:600 homens. Garibaldi a exemplo d'este bravo militar organisa tambem uma legião italiana com 750 irmãos de armas, dando-lhes por uniforme uma capa vermelha solta dos hombros.

São muitos ainda d'estes famosos *homens vermelhos*, como lhe chamavam, que depois de terem no Uruguay combatido pela independencia e liberdade de um povo estrangeiro, deviam em 1849, tornarem-se tão celebres na Italia combatendo em Roma pela independencia da sua patria.

Pondo de parte a innumeração dos assignalados serviços prestados por Garibaldi á causa da republica Oriental, cujos rasgos de audacia, diz Leynadier, parecem uma pagina arrancada aos tempos fabulosos, fallaremos de um feito da esquadrilha do seu commando cuja situação entre o Cerro e a ilha da Liberdade, servia de grande obstaculo ás operações do inimigo, que ao sitiar a primeira d'estas posições precisava apoiar-se na segunda.

Entretanto Garibaldi, que tinha previsto esta estrategia, apressa-se a fortificar a ilha com grande numero de boccas de fogo pondo ao seu serviço a gente mais escolhida da heroica legião.

Uma noite Garibaldi dentro de uma lancha tripulada apenas por alguns homens foi de perto observar a posição da esquadra de Brown e tendo a felicidade de passar por entre os seus navios sem que d'elles conseguissem fazer-lhe o menor damno, volta horas depois com a sua gente, e por tal forma combate o inimigo, que Brown é obrigado a deixar em poder de Garibaldi um bergantim com quarenta e dois homens.

A acção das Tres Cruzes, não foi menos memoravel para a gloriosa legião italiana, bem como o notavel desafio de abordagem defronte de Montevideu que a esquadra de Brown não acceitou levantando ferro e saindo do porto.

Este ultimo e extraordinario rasgo de audacia chamou ás janellas e aos telhados de Montevideu quasi toda a população que cobriu de applausos o regresso de Garibaldi, ao mesmo tempo que soltava imprecações de despreso contra a covardia do seu inimigo.

(Continúa) *Julio Rocha*

A COMEDIA DA VIDA

O ROMANCE D'UM AMANUENSE

XVII

E dando parabens á sua sorte por se ter safado do seu incommodo visinho, o Quim Barradas foi descendo a rua das Olarias em direcção á Mouraria.

Ao passar por uma tenda ouviu dar horas.

Olhou.

Eram oito.

—Oito horas! exclamou elle aterrado: minha irmã ha que tempos que está á minha espera! Não imaginei que fosse tão tarde.

E apressou o passo.

Quando chegou ás raparigas dos bolos na rua do Ouro, ia a deitar os bofes pela bocca fóra.

A tal confeitaria das raparigas era no primeiro quarteirão indo do Rocio á esquerda, uma loja de duas portas pouco mais ou menos no sitio onde está hoje a estação do caminho de ferro.

O Quim e sua irmã eram muito conhecidos das doceiras; costumavam ir muito por ali *lunchar* o seu pastel de nata, comprar para levar de presente ás suas relações que tinham creanças, uns palitos de canella, uma das especialidades da casa, e alem d'isso como tinham muitos conhecimentos tinham indicado aquella confeitaria a muita gente, tinham-lhe arranjado um bom par de bons freguezes.

E as raparigas dos bolos eram muito sensiveis e muito gratas a estas finezas, enchiam de amabilidades o Quim e a Emilinhas que no fim de contas já faziam d'aquella loja uma especie de quartel general nos seus passeios e voltas pela baixa.

O Quim entrou pela loja dentro esbaforido, atarefado, quasi que sem poder respirar, e exaggerando ainda mais um bocado esse seu cançasso para prevenir o mau humor que aquellas horas já deviam causar a sua mana farta de esperar.

Entrou, olhou para todos os lados, e quando não viu a Emilinhas soltou um grito de espanto.

—Não está cá minha irmã? perguntou elle totalmente, como se não visse que na loja estavam apenas as duas caixeiras e nem mais viv'alma.

—Não senhor, sr. Barradas, respondeu uma das raparigas.

—Não está, esteve, disse a outra

—Já se foi embora? perguntou o Quim assustado, receando que sua irmã se tivesse retirado farta de o esperar.

—Sim senhor foi-se embora.

—Mas volta, concluio a outra.

—Ah! volta? repetiu o Quim sem perceber nada.

—Sim senhor e deixou dito que quando o sr. viesse se demorasse um bocadinho, que esperasse por ella.

—Mas foi agora mesmo que ella esteve cá?

—Não senhor já ha um bom bocado, ha mais de uma hora.

—Ha mais de uma? ha mais de duas tambem, emendou a outra caixeira. Era ainda dia claro e fartou-se de o ser.

—O que? Então ella veio cá quando sahio de casa? perguntou o Quim admirado, pois não era isso que se tinha combinado. O planeado era sua irmã ir de casa direita a casa do Pereira e depois á volta, para elle não ir lá buscal-a, por causa da indisposição visivel que havia da parte da D. Ephigenia para com elle — e para a Emilinhas não ir só á noite lá para as Olarias, elle ir ter com ella á confeitaria da rua do Ouro.

E a contradicção flagrante que havia entre este plano e a sua irmã ter ido havia já duas horas á loja, e portanto sem ter tempo de ir primeiro a casa do Pereira, intrigava-o seriamente.

E a resposta das raparigas mais o intrigava ainda.

—Eu não sei se ella vinha de casa ou não, e vinha n'um trem.

—N'um trem? repetio o Quim cahindo das nuvens.

—N'um trem com umas senhoras...

—N'um trem com umas senhoras? Mas as meninas conheceram-n'a bem?

—Ora essa! Então nós não haviamos de conhecer a sr.ª D. Emilinhas?

—Ella nem se apeiou, informou a outra caixeira, mesmo da carruagem me disse a mim que dissesse ao senhor, que esperasse por ella.

—Bom, esperarei! disse o Quim convencido.

—Sente-se um bocadinho? Não quer comer uns bolos de canella para ir matando o tempo.

—Não, tenho ainda aqui o jantar.

E sentando-se n'um banco o Quim poz-se a parafuzar o que teria feito sua irmã, quem seriam as senhoras que iam com ella e o que queria dizer aquillo tudo.

Apezar de todas as explicações que lhe tinham dado as raparigas da loja, ainda estava meio convencido que aquillo era engano d'ellas, que tinham confundido outra pessoa qualquer com sua irmã.

E de vez em quando dizia á caixeira;

—Mas vejam lá bem, não estejam equivocadas.. Era a minha irmã? Tem a certeza d'isso!

—Oh! senhor! O sr. Barradas está a caçoar connosco, diziam ellas já meio formalisadas: toma-nos por idiotas!

E o Quim estava n'estas meditações e n'estas hesitações quando na loja entrou um homem de suiças louras, e de camisola azul e branca aos quadradinhos, typo de moço de cocheira de casa particular.

—Ah! o sr. Barradas; disse o homem dirigindo-se ao Quim.

—Olá! adeus Bento! como está a sr. Viscondessa e as meninas...

—Estão boas muito obrigado ao seu cuidado.

—Então vem comprar bolos para as senhoras!

—Não senhor, venho exactamente á sua procura.

—A' minha procura!

—Sim senhor, para lhe entregar esta carta da sr.ª sua mana.

—Uma carta de minha irmã! perguntou o Quim cada vez mais admirado com o que ouvia.

—Sim senhor, aqui está ella, disse o criado entregando ao Quim uma carta.

—Então minha irmã está lá em casa!

—Saiba V. Ex.ª que sim, chegou agora de fóra com a sra. Viscondessa e as meninas.

—Essa é boa! Cada vez percebo menos! resmungou o Quim abrindo a carta.
Era effectivamente de sua irmã.
«Quim.
«Foram-se embora todos os planos que tinhamos feito esta tarde.
«Quando sahi encontrei ao pé do Soccorro a Viscondessa de Friões que ia com a Bebé e a Guida lá para casa.
«Iam-me buscar para as acompanhar para Mansamá, onde vão passar o dia dos annos da Guida que é amanhã.
«Metteram-me no trem á força e por mais que eu lhes dissesse que tinha onde ir não quiseram ouvir nada e trouxeram-me á força para casa e obrigam-me a ir com ellas para Mansamá d'aqui a pedaço, ás 10 horas, e querem tambem que tu venhas comnosco.
«Eu disse-lhe que não sabia se tu podias vir comnosco ou não, mas ellas gostavam muito e a Guida diz que fica mal comtigo se tu não vieres festejar-lhe os annos.
«Eu vou, tu faze o que quizeres, mas parecia-me bom que viesses porque o Visconde tambem mostrou desejos d'isso e bem sabes que lhes somos obrigados e que foi elle que te metteu no Seguro.
«Em todo o caso venhas ou não, vae a casa mette-me n'um sacco o meu vestido escocez que está na commoda na gaveta de cima, — a Luiza sabe onde elle está, se tu não souberes — que logo quando formos para Mansamá chego ahi no trem a buscal-o.
«A's dez horas em ponto está em casa e temme isso arranjado, vê lá, para não os fazer esperar.
«Vê se vens tambem, e depois d'amanhã quando voltarmos saberemos então o que se passou em casa da Alice e da D. Ephygenia.

Emilia.

«N. B.
«O Visconde tem muito empenho em que tu vás, e tanto que me veio agora dizer que tinhas logar na carroagem, porque elle só vae para cima amanhã de manhã. Vae.»

O Quim leu esta carta, e sem hesitar um momento pediu a uma das caixeiras.
—Da-me ahi um bocadinho de papel e uma penna?
—Pois não.
E escreveu sobre o balcão:
«Emilinhas:
«Vou tambem. A's dez horas lá espero em casa,
Fechou a carta e deu-a ao creado.
—Entregue isto a minha irmã.
—Não quer mais nada?
—Não.
E despedindo-se das doceiras o Quim voltou alegremente por onde tinha vindo pulando-lhe o pé com a festa que ia gosar, e ao mesmo tempo contentissimo por se vêr livre por 24 horas das cartas enygmaticas da Alicesinha, das tolices da D. Ephygenia, das massadas do major Rodrigues, de todas essas coisas para elle inexplicaveis, mas que o incommodavam, que o preoccupavam, que o aborreciam.
Chegou a casa, subiu a escada n'um pulo, e muito de mansinho, sem fazer bulha nenhuma para não ser presentido pelo major, arranjou o tal vestido escossez da irmã n'um sacco, vestio o seu fato de verão, arranjou n'uma malinha peque na a sua roupa branca e protextando para comsigo proprio não obrigar o trem da Viscondessa a ir até lá cima, quando eram dez horas menos um quarto, pegou no sacco de sua irmã e na sua maleta e veio ajoujado, como um moço de fretes, até cá abaixo ao pé do Soccorro onde se postou á espera do trem e descançado por estar fóra do alcance das massadas do visinho major.
Não teve que esperar muito tempo.
Dez horas a dar e o trem da viscondessa a apparecer.
O Quim sahiu-lhe ao encontro e muito festejado pela viscondessa e pelas filhas, entrou para o trem e todos em grande galhofa seguiram para Mansamá.

(Continúa) *Gervasio Lobato.*

NOVIDADES DA SCIENCIA

Lavagem dos vasos que servem a petroleo — Prepara-se uma agua de cal, caldeando um bocado d'esta substancia em bastante agua. Com essa agua lava-se o vaso que se pretende limpar, e que se quer empregar em qualquer outro uso. A agua de cal e o pretoleo formam uma emulsão, isto é, combinam-se em uma especie de sabão, ficando o vaso inteiramente livre da parte oleoza.
Se se quizer obter ainda maior limpeza, e tirar o menor vestigio de cheiro, lava-se uma segunda vez o vaso, ou vasos, com segunda agua de cal, misturada com uma pequena quantidade de chloreto de cal.
Se a agua de cal fôr feita com agua quente, a operação torna-se ainda mais rapida.

Novo indicador de Grisou — M. M. Pitkin e Siblett apresentaram no dia 8 de maio findo, um engenhoso apparelho que permitte medir, d'um instante para o outro, a quantidade de *grisou* contida na atemosphera nas galerias d'uma mina.
O principio é dos mais simplices. Certas substancias, taes como a esponja *de platina*, teem a propriedade de absorver os gazes. Quando se trata do carbureto d'hydrogenio ha uma combinação directa de hydrogenio com o oxygenio do ar produzindo ao mesmo tempo calor. Se a bola d'um thermometro revestida d'uma tennue camada de esponja de platina fôr collocada em um mixto de ar e *grisou*, a reacção que se opéra determinará um deslocamento da columna mercurial proporcionada á elevação da temperatura, e por consequencia á quantidade de *grisou*.
Comprehende-se que se se empregarem simultaneamente dois thermometros, um dos quaes preparado da maneira que acabamos de dizer, a differença da temperatura que elles accusarem na mesma atemosphera, poderá servir para avaliar a quantidade de gaz explosivo contido na mina.
E' preciso que se note que o effeito da elevação da temperatura não é immediato. Manifesta-se progressivamente até ao *maximum* e ali presiste, se a corrente da mistura dos gazes for continua; do contrario, a columna mercurial cessa de subir e torna a cahir lentamente.

REVISTA POLITICA

Ao contrario do que acontece nos mais annos, em que depois do parlamento encerrado, a politica se dá tr guas, pensando-se muito mais em *vegiliaturas* por esse mundo fóra, do que no orçamento e nas beneses rendosas que a politica póde produzir, este anno a politica continúa com certa actividade extemporanea, produzindo diariamente os jornaes artigos de fundo vehementes, mais proprios para aquecerem os leitores, no frio inverno, do que para o refrescarem n'este pleno estiu em que canta a cigarra.
Ha duas razões para esta actividade extraordinaria e são a primeira: o ir se entrar em epoca de eleições geraes; segunda: a questão do caminho de ferro de Lourenço Marques que é da mais alta importancia resolver.
Ora as eleições ainda vem longe para que desde já nos dôa a cabeça por ellas e se não fossem os boatos que circulam, de que o governo não entrará em accordos com a opposição sobre os candidatos que esta levará á urna, tudo estaria socegado, a gosar as frescas brisas de Cintra ou do Bom-Jesus de Braga, ou a observar do alto da torre Eifel o nada e as miserias d'esta pobre humanidade.
Sim, que lá d'aquellas alturas é que se vê bem quanto tudo isto é pequeno, e que o estrondo de todas as vozes reunidas dos mais exaltados polemistas da politica, nem sequer chega, o mais longicoo som, a 50 metros do ambiante em que vivemos.
E digam-nos depois d'isto se valle a pena preocupar-nos demasiadamente com os futuros tribunos, que a urna hade alijar de suas entranhas, com a assistencia paternal do sr. José Luciano de Castro.
Esta preocupação temporã da opposição sobre o accordo eleitoral, é uma confissão de fraqueza que mal vae ás suas gloriosas tradições. Então a opposição não havia de ter o seu logar no parlamento?!
Parlamento sem opposição era o mesmo que não existir, e se elle assim já para pouco serve, d'outro modo não servia para nada, e era muito mais simples supremil-o da Carta Constitucional.
Mas deixemos as eleições do futuro e vamos tratar do presente, ou antes da questão de Lourenço Marques, dizendo aos nossos leitores os termos em que ella se acha, depois da nossa ultima revista.

Pouco ou nada podemos avançar sobre o assumpto, porque officialmente nada mais se sabe além da recisão do contrato de concessão. Extra-officialmente é que correm diferentes versões, sobre se o governo vae concluir a linha e exploral-a por conta propria, ou se a vae conceder a um syndicato, que se diz está esboçado pelo sr. Candido de Moraes.
Vae decorrido quasi um mez depois que o governo rescendio o contracto, acalmaram-se as furias do leopardo e por emquanto não se sabe qual a resolução que o governo portuguez adoptará.
Emquanto, porém, os espiritos aguardam curiosos o resultado d'essa questão, para sahirem da espectativa e lhes estimular mais o patriotismo o *Imparcial* de Madrid applicou-lhe um senapismo fraternal, sobre a doce denominação de *Un consejo de hermano.*
E' esta a epigraphe de um artigo que o referido jornal publicou a proposito da questão do caminho de ferro de Loureuço Marques, e que para conselho de irmão, bem se vê que não é de filho do mesmo pae, pelo desamor com que nos trata.
Este artigo, em que o governo de Portugal é asperamente censurado pela sua má administração, em que se pinta com as côres mais sombrias a nossa força e o estacionamento das nossas colonias, produziu naturalmente a mais desagradavel impressão no paiz, e toda a imprensa protestou contra o *Consejo de hermano* vindo de Castella, exactamente d'onde nos veio a escravidão em 1600.
Ora no momento em que a imprensa de toda a Europa, com raras excepções, se punha ao nosso lado na questão do caminho de ferro de Lourenço Marques, o effeito do *Consejo de hermano*, foi tanto mais desastrado quanto ridiculo, pela intenção com que era feito, pois todo o interesse que o nosso paiz inspirava ao articulista do *Imparcial*, se reduzia a aconselhar-nos que a unica alliança que nos convinha era a da Hespanha.
Francamente para isto não valia a pena dar-nos tão grande descompustura *hermano*, e se por lá vos amais assim como os gatos, por cá somos mais melindrosos com as unhadas, que de resto foram bem cortadas em 1640, não fallando nos varios cortes que antes d'isso nos apanharam.
Para remediar o mau effeito que este artigo produziu, veio o *Imparcial* dizer-nos que não tivera intenção de nos offender, mas unicamente censurar o nosso governo n'um dado momento.
Não se percebe bem esta desculpa, que só mostra a falta de outra melhor, e se o *Imparcial* não tivesse intenção de offender o povo portuguez, era fazer o mesmo que fazem os portuguezes, que não discutem na sua imprensa a administração interna das outras nações.
Quem lhe encommendou o sermão, que lh'o pague, *hermano.*

João Verdades

RESENHA NOTICIOSA

Regatas da Real Associação Naval — Realisa-se hoje em Paço d'Arcos a 1.ª regata d'este anno promovida pela Real Associação Naval, de cujo resultado daremos conta no proximo numero.
A segunda regata promovida por esta associação deverá ter logar em Cascaes, no dia 22 do proximo mez de setembro. Haverão corridas á vela para yachts latinos e bastardos registados na associação, e para barcos não registados na associação. Corridas de remos, na distancia de uma milha para guigas, escaleres, canôas etc.
Haverão premios offerecidos por sua magestade El-Rei D. Luiz, pela Real Associação Naval, Commissão das Regatas e Conselho Executivo.
A inscripção para os barcos que quizerem tomar parte na regata está aberta na casa da Real Associação Naval até 16 de setembro, todos os dias não santificados.

Um quadro e um busto — A camara Municipal de Lisboa adquiriu o quadro *D. Sebastião* do destincto pintor e collaborador do Occidente sr. Luciano Freire, por 250$000 reis. Adquiriu egualmente por 400$000 reis um busto em marmore, esculptura do sr. Teixeira Lopes distincto estudante da escola de Paris, intitulado *Botão de Roza* e que o Occidente reproduziu em gravura pag. 44 do presente volume.
Qualquer d'estas obras são de merecimento e é digna de todo o louvor a Camara Municipal por animar d'este modo os artistas nacionaes.

Concurso de Bellas Artes — A Commissão de

Bellas Artes da Camara Municipal de Lisboa, abriu um segundo concurso entre os pintores portuguezes para a execução de um quadro historico.

O assumpto do quadro deve ser: Martin de Freitas verificando, na cathedral de Toledo, o fallecimento de D. Sancho II.

As condições do concnrso são:

Os esbocetos serão feitos na escala de um terço das dimensões fixadas para o quadro e concluidos em cinco mezes, a contar de 15 do corrente.

Aos quatro esbocetos preferidos serão concedidos premios; ao primeiro, a execução do quadro, ao segundo o premio de 225$000 reis, ao terceiro o de 180$000 reis e ao quarto o de 135$000 reis.

O pintor encarregado da execução do quadro deverá concluil-o no praso de anno e meio, a contar da data do contracto e receberá por elle 3:000$000 reis, satisfeitos em quatro prestações.

Apezar do assumpto d'este quadro ser mais accessivel que o do quadro do primeiro concurso: A partida de Vasco da Gama para a descoberta da India — não deixa por isso de encalhar nos mesmo escolhos que o outro, pelas mesmas razões que o precedente concurso não deu resultado satisfatorio.

O quadro historico não se pode impôr a um artista muito especialmente n'um meio em que faltam todos os elementos para o pôr por obra, principiando pela educação do pintor historico, que não se faz só nos cinco annos que o governo lhes subsidia para estudar no estrangeiro, e que depois de findos esses cincos annos vem para Portugal pintar retratos quando tem alguma encommenda d'este genero. D'este modo o pintor só poderá compor um quadro historico dentro dos limites dos elementos de que dispõe, e se os artistas que lá fóra se dedicam a esta especialidade, pintam quadros historicos sobre assumptos da sua escolha, que mais os impressione e para que tenham os elementos neccessarios, como poderão os nossos artistas satisfazer distinctamente a execução de uma composição historica que de improviso se lhes apresenta.

Parecia-nos mais pratico deixar a cada concorrente a liberdade de fazer uma composição historica sobre assumpto que melhor sentisse e para que melhor estivesse preparado com os recursos de que pode dispor, e d'este modo estamos certos que se obteriam resultados mais satisfatorios para a arte.

Estas considerações são-nos inspiradas pelo grande desejo que tinhamos de vêr progredir a pintura historica no nosso paiz, porque é ella a pintura por excellencia, e que póde trazer grandes beneficios á Arte Portugueza.

Exposição de Paris — Parte hoje para Paris o nosso distincto collaborador artistico, o sr. Luciano Freire, pintor muito apreciado, o qual vae visitar a Exposição e tirar *croquis* da secção portugueza e brasileira para o Occidente.

Attentado contra o Imperador do Brazil. — Por um telegramma recebido em Lisboa no dia 17 do corrente, soube-se que Sua Magestade D. Pedro II, quando na noite de 16 sahia do theatro, ia sendo victima de um tiro de rewolver que contra Sua Magestade disparou um portuguez, o qual por fortuna lhe não acertou.

A Agencia Havas no laconismo do seu telegramma não dá mais promenores do caso.

Nós lamentamos duplamente este triste acontecimento, que ia victimando um dos monarchas mais sympathicos e liberaes do mundo, e por ser um compatriota nosso o auctor do attentado.

Aguardamos promenores do caso.

LOURENÇO MARQUES — O PAIOL DA POLVORA

(Segundo photographia do sr. commendador Manuel J. R. Pereira)

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Relatorio da Administração do Congresso Beneficente, Homenagem a Capello e Ivens, *no segundo anno social, apresentado em assembléa geral de 18 de julho de 1888. pelo vice-presidente, Domingos Couto Carvalho Neves e approvado em assembléa geral de 7 de agosto de 1888.* Rio de Janeiro, 1889. E' esta uma instituição ainda nascente, mas que progride pelo impulso das muitas dedicações que se acham empenhadas em a fazer prosperar. O relatorio é bastante minucioso, e mostra que o saldo de contas da sociedade foi no segundo anno da existencia da mesma, superior 1:013$610 ao do anno anterior, assim como o numero dos seus associados augmentou no referido anno em 55o. Estes simples dados são sufficientes para demonstrar o estado lisongeiro d'esta sociedade portugueza, no Rio de Janeiro.

Videiras Americanas pelo visconde de Villarinho de S. Romão. Porto, Livraria Internacional de Ernesto Chardron, Lugan & Genelioux, successores, 1889. Folheto de 32 paginas e 2 estampas. A leitura d'este folheto recommenda-se sobretudo aos nossos vinicultores, pois tratando da cultura da vinha e dos differentes systemas adoptados para combater o phylloxera, mostra os inconvenientes que na pratica apresenta a introducção que ultimamente se tem feito no paiz, das videiras americanas, consideradas por muitos como salvaterio da vinicultura portugueza.

EXPOSIÇÃO DE PARIS

Brevemente publicaremos desenhos originaes e feitos expressamente para o nosso periodico, da **Secção Portugueza e Secção Brazileira na Exposição de Paris.**

Para esse fim parte hoje para Paris o nosso distincto collaborador artistico, sr. Luciano Freire.

D'este modo cumprimos o nosso programma de só publicarmos desenhos originaes feitos expressamente para o Occidente por artistas portuguezes.

Adolpho, Modesto & C.ª—IMPRESSORES

25 A 43 — RUA NOVA DO LOUREIRO — 25 A 43